

Rivais em uma disputa silenciosa

Embora esteja entre os superfuncionários, Mozart de Paiva, como Adelmar Sabino, reconhece hoje que o Congresso poderia ter evitado os abusos praticados na Comissão do Orçamento se existissem mecanismos mais eficientes de fiscalização interna. Um dos primeiros a estranhar o trabalho silencioso do ex-assessor do Senado, José Carlos Alves dos Santos, Sabino chegou a mandar um homem de sua confiança, o funcionário Roberval Batista, vigiar os passos dele. "O poder dele era imenso", conta Sabino. Quando Roberval foi afastado pelo então presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), que nomeou para seu lugar o funcionário José Roberto Nasser, Sabino e Mozart alertaram Ibsen para o erro. Este, no entanto, foi definitivo. "Está decidido. Foi um pedido direto das lideranças", encerrou.

"Todos sabiam que tinha alguma coisa ilegal acontecendo, mas faltou vontade política para acabar com aquilo e afastar José Carlos do cargo", diz um alto funcionário do Congresso. Segundo ele, a estrutura centralizada do Congresso transforma pequenos problemas, que poderiam ser resolvidos ainda na origem, em encrenças gigantescas. Na Câmara, esses poderes se dividem principalmente entre Sabino e Mozart, rivais numa disputa silenciosa por espaço dentro da casa. Mozart acha que Sabino absorve poderes demais e defende que a Diretoria Legislativa passe a ser controlada pela Mesa. "A estrutura da Câmara tem que ser repensada", acredita. Entre os cargos mais influentes, além da Diretoria Legislativa, está o Departamento de Comissões. O Senado tem uma estrutura mais fragmentada, e o

poder se divide entre as diretorias, como a do Prodasen, e as secretarias.

"Tudo depende de como se exerce o poder. Se a pessoa escolhe ser respeitada ou adulada", confere Sara Figueiredo, secretária-geral da Mesa do Senado.

"Temos uma bagagem de informações muito maior que a maioria dos parlamentares. E informação é poder", explica Mozart. Com plenos poderes sobre a máquina administrativa que move a Câmara, onde trabalha há 32 anos, Sabino, que ganha um salário igual ao dos parlamentares — R\$ 800 mil, em novembro —, ajudou Inocêncio a assumir a presidência da casa, e era um dos poucos amigos com quem os deputados Ibsen Pinheiro e Genivaldo Corrêa (PMDB-BA) desabafavam na semana passada.